ANO 6.º LISBOA—SEXTA-FEIRA, 10 DE SETEMBRO DE 1926 N.º 1667

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2. Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

DO ilustre medico e professor sr. dr. Azevedo Neves, recebemos a seguinte carta que desvanecidamente publicamos:

"*Sr. director.*—Acabo de lêr a "Pagina de quinta feira„ do distinto jornalista sr. Norberto de Araujo, em que presta justiça, simplesmente justiça, ao sr. dr. Lino Gameiro. Declaro que perfilho absolutamente tudo quanto ali se lê. As minhas relações com o sr. dr. Lino Gameiro são as mesmas que entre este senhor e o ilustre articulista. Venho pedir a v. umas linhas do seu jornal, para contar o seguinte:

Uma pobre mãe abandonada e que obrigada pela miseria trabalhava sem poder, atingiu o ultimo grau da tuberculose; tinha uma filhita com menos de dois anos e via a morfe avizinhar-se. A pobre mulher queria que alguem lhe tomasse conta da criança para... morrer mais tranquila. Apesar das minhas superficialissimas relações com o sr. dr. Lino Gameiro, recomendei-lhe o caso. A pequena não tinha a idade legal (até é preciso ter idade legal para merecer o socorro na miseria!), os internatos infantis da Assistencia Publica tinham a lotação completa, mas o sr. dr. Lino Gameiro, em face desta tragedia, admitiu a criança e na carta que me escreveu lê-se:... "*cometo uma ilegalidade para não praticar um crime.*„ Este procedimento testemunha a mais elevada nobreza do sentimento. Todos os que depois de lêrem o brilhante artigo do sr. Norberto de Araujo, conhecerem este facto, ficarão consagrando ao sr. dr. Lino Gameiro o mesmo respeito e admiração que eu lhe tributo.

Com a maior consideração e muito afectuosa estima me confesso

De v. etc.—*Azevedo Neves.*„

* * *

PALAVRAS de Octave Homberg, no seu livro "Le Financier dans la Cité„:

—O país tem que compreender que não lhe faltam recursos para se salvar a si proprio. "Ferida de dinheiro não é mortal„ diz o bom senso popular. O economista confirma este conceito intuitivo, demonstrando que o dinheiro se refaz, porque é o fructo do trabalho, e que um povo laborioso como os franceses, poderão reconstituir, pelo seu esforço obstinado, o pé de meia destruido pela guerra injusta e odiosa que sofreu.

"Mutatis mutandis„ isto aplica-se tambem a Portugal.

A nossa salvação depende de nós—do nosso trabalho, do nosso patriotismo e das nossas iniciativas. A moeda é serva da produção.

No dia em que esta se desenvolver, transformando a economia do país, o escudo revalorisa-se automaticamente...

* * *

NA proxima segunda-feira, ás 14 horas e meia, reunem-se na redacção do *Jornal do Comercio* os representantes das empresas jornalisticas, a fim de se ocuparem de assuntos de interesse para a classe.

Pede-se a comparencia de todos.

* * *

O SR. D. Alexandre Padilla, ilustre ministro de Espanha, junto do nosso governo, veio ontem apresentar-nos as suas despedidas, penhorando-nos com esta gentilesa.

A conquista do pão

Vem já na Biblia esta antipatica verdade—temos que ganhar o pão com o suor do nosso rosto. Ha individuos que, com o trabalho dos outros, comem bem, permitindo-se ainda o luxo de terem uma filosofia e uma moral de restrições alimenticias para uso das suas vitimas. Constituem, porém, uma pequena minoria—as grandes digestões já no tempo do califa Haroun el Raschid causavam neurastenias. Uma doença destas, sob uma corôa imperial, exige, para se tratar, todos os contos das *Mil e uma noites*. Onde encontrar de novo a imaginação riquissima, prodigiosa e empolgante de Scheharasada?

A conquista do pão para a maioria dos homens é um castigo, um sofrimento obscuro, mas fecundo em lagrimas, a repetição diaria do mesmo gesto amargo para escapar a esta visão arripiada, livida, uivante—a fome.

Porque não se resignaram Adão e Eva a viver no Paraiso? Má ideia lhes ocorreu no dia em que resolveram educar-se scientificamente, tomando Deus como o representante duma velha pedagogia.

A historia humana—o mesmo que a dôr humana—nasceu da tão louca pretensão: os povos principiaram a desbravar o orbe, sem ainda conhecerem o seu proprio coração. A Idade da pedra—o silex elevado á categoria de indice mental e moral—não foi uma luta contra a naturesa, mas um combate desesperado do braço contra o cerebro. O que hoje se chama a luta da sciencia com a religião resumiu-se, na selva primitiva, a um debate, quasi sem palavras, a um duelo entre o pão do corpo e o do espirito.

Qual dos dois demanda maior sacrificio? O primeiro é mais necessario, porque a vida, na sua forma urgente, imperiosa e instintiva, não admite a retorica, nem a doce persuasão budica. O misticismo, se não cuidar dum minimo de viveres, esvai-se como a gota de agua que o sol capta nas rosas e lirios.

O segundo é a essencia do Verbo, a luz duma quimera, o palido orgulho da razão.

Em que altura da prehistoria surgiu, na fresca, mas dolorida argila do troglodita, a necessidade de inventar uma fabula ou um himno, para profundar o misterio da sua consciencia dolorosa?

Umas vezes—na série N + 1... das experiencias em que andam empenhadas a nossa alma e a nossa carne—o pão do corpo impôs a sua lei, obrigando os rostos submissos a curvarem-se para o chão, como prisioneiros dum implocavel despota.

Outras vezes, uma aleluia de esperanças iluminava os peitos, arrancando das magoas milenares o clarão com que as lições dos Mestres e dos Sabios fecundavam animos insensiveis á brandura do perdão.

Estamos no segundo quartel do seculo XX e no 16.º ano de Republica... Como na epoca de Neanderthal ou do caçador peludo de Eyzies, o problema do pão está na ordem do dia: a questão social não tem outra origem, senão esta—dar de comer a quem tem fome e educar quem é brutesco.

Os analfabetos em Portugal, numa população de seis milhões, representam o "vulgo vil sem nome„.

A nossa democracia assenta sobre um fundo de treva espessa na qual o compedio dos direitos e deveres do cidadão produz o mesmo efeito que um seixo que cai nos aguas mortas duma cisterna. O saber do nosso povo exprime-se ainda num dialeto medievo.

Os seus mentores dizem-lhe: *Tu és soberano*, mas ele, como as rochas que a alavanca não move, descança sobre oito seculos de granitica ignorancia.

A terra das sementeiras continua a ser caprichosa como no reinado de el-rei D. Diniz. Basta uma aragem mais fria ou um sol mais ardente, para que as colheitas morram de inanição.

Em abril e maio, o lavrador contempla as suas searas e ao vê-las com a espiga rompente, a carregar-se de grãos, pensa consigo.

—*Este ano, ao menos, encontrarei na minha eira o ouro que devo ao agiota!*

Esta miragem enche-lhe o peito de satisfação: a natureza dispõe-se a liberta-lo da sua tortura de todo o ano. A ilusão prestes se desfaz.

As espigas ficam vazias, mas na arca do avarento—o que colhe o fruto da gleba e do infortunio—as moedas acumulam-se e meditam sobre a facilidade com que os velhacos exploram os honestos.

O povo que é livre e conserva um apetite sempre virgem, impaciente, reclama o pão dos seus rudes labores—o direito a trazer nos labios a alegria espontanea, que desabrocha do desejo como a flor duma seiva generosa. Que tenha juizo—aconselham-lhe.

"Nem só de pão vive o homem, mas tambem da palavra de Deus".

A lembrança do pecado tira-lhe o apetite. Pede o outro pão—o do espirito.

A sciencia recolhe ao seu santuario e reserva-se para os iniciados. O veu do templo cerra-se para a turba.

E assim esta, duas vezes faminta, aprende a conhecer que o pão—o material e o espiritual—alimenta um duplo heroismo: o dos humildes que trabalham para viver e o dos santos que trabalham para morrer.

Titus

RECEBEMOS o seguinte postal:

"Sr. Director—Como consumidor, interessou-me a entrevista do seu jornal com o sr. ministro da Agricultura. S. Ex.ª mostrou boa vontade em travar o actual crescendo de custo de alguns generos de primeira necessidade. Receio que a multiplicidade dos seus afazeres ministeriaes não deixe a S. Ex.ª tempo para ver a solução, que se me afigura racional. Vejamos: Segundo a lei economica da oferta e da procura, se o genero sobe de preço é porque escasseia ou é muito procurado, descontada a influencia da oscilação cambial que, felizmente se não dá, mantendo-se o cambio estabilisado. Não estamos em presença de qualquer invasão ou corrente imigratoria que, aumentando a população, produziu uma maior procura. Resta, pois, só a hipotese de que o genero escasseia: Parece-nos que a primeira medida util será a proibição da exportação desse genero; e se a escassez ainda se mantem será bom recorrer á importação. Com efeito os preços até ha pouco correntes achavam-se estabilisados em função da estabilisação cambial. Se esta se mantem e os preços sobem, cremos que o correctivo será permitir a importação até que os preços voltem ao seu justo valor.

E' este criterio muito simplista, como o é sempre o criterio do povo? Será, mas confio nos bons resultados dele, em vista da oposição que lhe fazem produtores e comerciantes, de interesses opostos aos nossos de consumidor, que lhe agradece o espaço que a este der no seu lido jornal.—*Leitor assiduo.*„

* * *

PARTE no dia 1 do proximo mês de outubro para Loanda o novo secretario provincial de Finanças, sr. Joaquim Antonio da Fonseca, que não poude acompanhar o sr. Vicente Ferreira, devido a seus serviços serem ainda necessarios no Ministerio das Colonias, onde continúa assiduamente trabalhando, apesar de estar no goso de licença.

O sr. Vicente Ferreira, que, como se sabe, está empenhado no dificilimo problema da reorganisação daquela nossa rica provincia ultramarina, conservou os logares de secretarios provinciais—que foram extintos em Moçambique—e procedeu assim, por ter podido reunir um grupo de funcionarios distintos, e de cuja obra de colaboração com o Alto Comissario muito ha a esperar. Entre estes, se conta o sr. Joaquim Antonio da Fonseca, cuja acção, servida sempre pela mais inconcussa honradez e exemplar tenacidade, é dos que honram um governo e servem melhor uma provincia ultramarina.

* * *

AS direcções do lactario e da cantina escolar da freguezia de S. José, tendo acolhido com a mais nobre simpatia a iniciativa do "Cigarro do Asilado", realisam no proximo domingo, na Avenida da Liberdade, junto do Teatro Avenida, um espectaculo com um numero escrito pelo sr. Antonio Santos, que será cantado pelo actor Manuel Guerra.

Pelas praias

Figueira da Foz

Continua a Figueira da Foz conquistando as simpatias de todos os que veraneiam e que podem vir descançar uns tempos. As numerosas familias que se encontram nesta linda praia, hoje proclamada «A rainha das terras para veranear» pelo nosso colega «A Tarde», têm muito para onde ir, desde a manhã até altas horas da noite.

E' uma praia onde ha tudo e de tudo, principalmente neste mez de setembro, desde o teatro, aos concursos hipicos, ás provas de natação, ás corridas de touros, tudo ha. Actualmente exibe-se no teatro Cine-Parque, a companhia Lucilia Simões-Erico Braga, onde está dando seis recitas. Representaram-se as peças «A Exilada», «O principe João», «O Patriota», «O homem das 5 horas», «A carta anonima» e as revistas «Pomada amor» e «Papo seco». Ha tambem concurso hipico em que entram os mais aplaudidos cavaleiros como Helder Martins, Ivens Ferraz, Craveiro Feio, Falco Pereira, e outros. Esperam-se ainda este mez as companhias Ester Leão-Antonio Pinheiro, Rey Colaço-Robles Monteiro e Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo.

No Casino Peninsular começa a trabalhar no dia 10 a grande artista «La Goya», que dará cinco espectaculos. Neste mesmo Casino, o melhor de Portugal e um dos melhores da Peninsula, está actuando o dueto «Os Geraldos».

Nas suas vastas salas ha exposições de pintura de Edmundo Tavares, de caricaturas de Amarelhe e de Roberto Santos, além de exposições de moveis antigos e de preciosa ourivesaria.

Para se ver quantas familias aqui estão, damos a seguir uma nota das senhoras que se inscreveram como socias do Casino Peninsular durante o mez de setembro:

D. Amelia Guiot Pereira, D. Maria Tereza Guiot Pereira, D. Flora Guiot Pereira Cardoso, D. Odili David, D. Maria Castro e Brito, D. Francisca Castro e Brito, D. Romana Martinez, D. Beatriz Belo da Silva, D. Antonia Cuesta, D. Maria Eugenia Lima, D. Maria Luisa Pinto, D. Ana Jaillet, D. Carmo de Figueiredo Sousa, D. Maria Amelia Brandão Alves, D. Maria dos Prazeres Soares Cabral Albergaria, D. Berta Fontoura Madureira Prego, D. Josefina Simões de Morais, D. Podenciana Gandara Cesar de Sá, D. Jesuina Pereira dos Santos, D. Maria Luisa Pereira dos Santos, D. Irene Leitão Santos, D. Maria Julia Leitão Santos, D, Maria Julia Teles de Abreu, D. Ermelinda Teles da Fonseca, D, Maria Quiteria Velez Anderson, D. Eduarda Augusta Anderson, D. Francisca Black, D. Alzira Lopes Franco, D. Maria do Carmo Prostes da Fonseca de Andrade, D. Maria Emilia Lopes Branco, D. Maria Luisa Lopes Branco, D. Maria Fernanda Lopes Branco, D. Maria Pires do Rio, D. Judite Martins, D. Maria Luisa Aguiar, D. Maria Leonor Magalhães Mexia, D. Mercedes Bruce, D. Alzira Pinto Lemos Barata, D. Maria de la Salete Alarcão, D. Eufrasia Alvares Pereira, D. Maria Luisa Alvares Pereira.

D. Antonieta Martins Paredes, D. Juliana Ribeiro da Silva, D. M. Julia Ribeiro da Silva, D. Maria Luiza Scherman de Macedo, D. Maria Freitas, Viscondessa do Tramagal, D. Amelia Valeijo de Oliveira, D. Maria Brigida Montesuma, D. Ernestina Pessoa, D. Maria Manuela Pessoa, D. Amelia Vaz Nave Catalão, D. Madalena Franco Preto, D. Rita Lima de Almeida, D. Maria Albertina de Oliveira, D. Ana Rebordão Paz, D. Etelvina Silveira, D. Sara Campos de Azevedo Batalha, D. Maria Edwiges Campos A. Batalha, D. Cacilda de Carvalho, D. Rita Alçada, D. Hermana Teixeira Borges Leitão, D. Aline de Brito de R. Gomes, Mademoisele Giselia de Brito, D. Fernanda de Brito, D. Maria dos Anjos Cid Ponces, D. Maria Ferreira de Freitas Morna, D. Alda Perdigão, D. Maria Cesaltina Cabral, D. Maria Amalia Cabral, D. Maria Clementina da Silveira T. Sampaio, D. Maria Carolina da Silveira T. Sampaio, D. Maria Assunção M. M. Corte Real, D. Maria Joana Melo Machado, D. Alice Gomes de Carvalho, D. Albertina Bigott de Carvalho, D. Maria Antonia Vieira Monteiro, D. Clotilde Leitão Sacadura Bote, D. Maria Carlota Araujo de Serpa, D. Maria de Serpa Corte Real, D. Zulmira Cardoso Pessoa, D. Maria Conceição Cardoso Pessoa, D. Ester Castanheira Cardoso Pessoa, D. Maria da Conceição Ataide de Almeida, D. Maria Margarida da Silveira de Sampaio, D. Ester Tavares Correia de Carvalho, D. Elisa Pinto Loureiro, D. Dulce Soares de Albergaria, D. Maria Amelia Soares de Albergaria, D. Joana Xavier, D. Maria Joana da Camara, D. Maria do Carmo Pinheiro, D. Julia Dias de Melo, D. Emilia Dias de Melo, D. Maria Augusta Sanches da Gama, D. Laura Barata Lopes da Silva, D. Virginia Silvano Barros Lopes, D. Ana Nunes, D. Maria das Neves D. Nunes, D. Laura Caldas Garcia Reis, D. Elisa Augusta Barreiros, D. Maria Pedroso Ferreira, D. Margarida Louro Goinhas, D. Estefania de Fontoura Madureira, Madame J. M. Ribeiro, Condessa de Felgueiras, D. Pompeia Georgina de M. B. S. Gaspar, D. Judith Aurora P. C. Correia, D. Maria José Campos Costa, D. Maria Conceição Campos Costa, D. Maria José Móra e D. Maria Francisca Serrão Móra.

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS
Mello da Silva, Limitada
Rua Nova de Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C. 587 Telegramas: Melloseque

FESTAS DE PROVINCIA

A freguezia de Vale de Cavalos volta ao concelho DA CHAMUSCA

CHAMUSCA, Setembro, 1926.—A Chamusca tem estado em festa, pela volta da freguesia de Vale de Cavalos a este concelho,

E não só a Chamusca, Vale de Cavalostambem, pois se aqui desejavamos o regresso da freguesia, que tantos anos e tão justamente nos pertencera, o povo de Vale de Cavalos não o desejava menos e manifestou o seu regosijo com expansivo e expontaneo entusiasmo.

Os sete anos em que estiveram sob o dominio do concelho de Alpiarça foram vividos na esperança de voltarem para a Chamusca, a que estavam presos por laços muito mais fortes de simpatia, conveniencias e afinidades. Imagine-se que, tendo a séde da comarca na Golegã, o povo de Vale Cavalos tinha de ir ali para as questões judiciais e Alpiarça—que fica na direcção oposta—para as outras questões de concelho, emquanto que para ir á Golegã, tem, forçosamente, que passar pela Chamusca, o que lhe facilita e abrevia trabalho e tempo.

Sou testemunha que, na antiga festa de Vale de Cavalos, que se realizava no primeiro domingo de Setembro, o povo era tão "mal renhido„ com o de Alpiarça que havia sempre desordens e cabeças partidas entre gente das duas povoações. e nunca com o povo da Chamusca, que, se algumas vezes entrava nessas desordens era para defender os de Vale de Cavalos.

Além disso, a Chamusca tem o seu hospital e o seu asilo, que apesar de pobres, como quasi todos os estabelecimentos de caridade actualmente, sempre podem acolher os doentes e os velhos das suas freguesias, o que não sucede a Alpiarça, que não tem hospital. Ha, pois, variadissimas condições de ordem moral e material que prendem o povo de Vale de Cavalos á Chamusca, e que fundamentam a sua velha amisade.

Da realidade e sinceridade destes sentimentos não poderá duvidar quem, como eu, assistiu á vinda do povo de Vale de Cavalos aqui, na noite do dia 4. Os vivas, as exclamações, os abraços, eram provas evidentes, pela sua expontaneidade, do sincero sentimento de alegria que os ditava. Os srs. dr. Rafael Duque e Francisco Lizardo, que muito trabalharam para a volta da freguesia, foram levados em triunfo pela gente de Vale de Cavalos, e os discursos pronunciados, no Gremio, pelos srs. dr. Duque, dr. Malheiro e Antonio Seixas, com a vibrante comoção do momento, foram escutados com a mais significativa adesão e calorosos aplausos.

Impressionava-me, sobretudo, um homem, de Vale de Cavalos, que, levantando a mão calosa e crestada do rude trabalho do campo, tinha, para tudo, o mesmo enternecido comentario, que resumia as suas aspirações vencedoras e a sua alegria, depois da espera impaciente de sete anos, que não amorteceram esperanças e convicções:

—Cá estamos!... Cá estamos!...

Para todos os da Chamusca, e para mim talvês mais do que para ninguem, sentimentalmente, foi comovedora a volta da freguesia de Vale de Cavalos. Essa aldeia branca, empoleirada na encosta, entre valados de silvas, com o seu largo e a sua igreja da Senhora dos Remedios, está ligada ás recordações da minha mais longinqua infancia. Eram em Vale de Cavalos as propriedades da minha familia, e lá passei meses de verão, de calor ardente, no tempo das eiras e das vindimas. Lá me ficaram muitas lembranças e saudades de pessoas que já não existem, de tempos que não voltam, de casas que passaram para mãos estranhas, de coisas que desapareceram. Nunca separei Vale de Cavalos da Chamusca, no meu pensamento—a aldeia era uma parte da vila, os campos estavam ligados pela mesma continuidade, o povo era o mesmo, com os mesmos costumes e sentimentos.

E, como nota final, direi que as mulheres de Vale de Cavalos foram as mais persistentes e entusiastas partidarias da volta da freguesia. A meu ver, é esta uma das mais importantes "chancelas" ao feliz decreto. As mulheres de Vale de Cavalos, alimentando no coração dos maridos e dos filhos o amor e a fidelidade a esta causa, provaram que a intuição feminina não se engana e só aplaude o que é bom e justo.

Maria de Carvalho

ABSOLUTA SERIEDADE
Nada de confusões — ACONSELHAMOS
A QUE VISITEM a secção especial de vendas a prestações nos GRANDES ARMAZENS DE LANIFICIOS, Nacionais e Estrangeiros.
VENDEM fazendas a metro, fatos, sobretudos, gabardines, etc.
COMPRAR A PRESTAÇOES EQUIVALE COMPRAR A DINHEIRO.
Preços da tabrica. No vosso proprio interesse, impõe-se uma visita aqueles ARMAZENS na
Praça dos Restauradores, 13, 1.º, Dto. (Por cima do Cabeleireiro)

Policlinica DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—5 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Garganta, oariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—1 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Bello—3 h.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 h.
Doenças das creanças—Dr. Filipe Manso—12 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha—4 h.
Analises clinicas—D. Gabriela Beato—4 h.

Sortes grandes? só o PINA as vende
75—Rua de S. Paulo—77

Querem segurar a VIDA?
Querem segurar o seu pessoal contra ACIDENTES DE TRABALHO?
Não o façam sem se informarem das condições da COMPANHIA GERAL DE SEGUROS
LISBOA—Rua dos Fanqueiros, 121—Tel. C.-3415

LA KABILINE
para tingir em casa

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Marquesa da Praia e Monforte (D. Maria Ana), Condessa de Restelo, D. Maria Tereza Perry Vidal Marques da Costa, D. Maria Izabel de Bragança, D. Maria da Conceição Placido, D. Edith Salgado, D. Alice Nunes Coelho, D. Maria Olga de Moraes Sarmento de Melo e Simas,

E os senhores:

Dr. Antonio de Lancastre, D. Antonio de Portugal e Castro, dr, Frederico Guilherme Romano Gavazzo, Perry de Almeida Vidal, Salvador Roque de Pinho (Alto Mearim), João Bandeira (Rilvas), Antonio Stubbs de Queiroz Lacerda, Jorge de Ortigão de Melo e João Jorge Valença da Silva.

Diplomatas

Partiram para o Hotel Miramar, no Monte Estoril, os srs. Viscondes de Silvares.

Casamentos

Em Alpiarça realizou-se o casamento do sr. Antonio Velez, filho do sr. José Antonio Velez, com a sr.ª D. Maria de Almeida, filha do sr. Porfirio de Almeida e da sr.ª D. Rosa Freitas de Almeida. Paraninfaram o acto o sr. Manuel de Almeida e a sr.ª D. Maria do Nascimento Almeida,

—Consorciaram-se na passada quinta feira, na igreja dos Martires, o sr. Fernando Teixeira, filho do sr. Francisco José Teixeira e da sr.ª D. Emilia da Conceição de Castro, com a sr.ª D. Maria Manuela de Sousa Reis, filha do sr. Afonso Sebastião dos Reis e da sr.ª D. Valdemira de Sousa Cadete Reis.

Foram padrinhos, por parte do noivo, seu primo o sr. Manuel Joaquim Lago e sua irmã a sr.ª D. Candida da Encarnação Teixeira e, por parte da noiva, o seu tio sr. Jorge de Sousa Cadete, e a sr.ª D. Beatriz dos Santos Tavares. Finda a cerimonia religiosa foi servido na residencia dos pais do noivo um delicado copo de agua.

Baptisados

Na igreja paroquial na Granja, realizou-se o baptisado de uma filhinha da sr.ª D. Maria Henriqueta da Camara Viterbo de Menano e do sr. dr. Antonio de Menano.

A' interessante criança foi dado nome de Maria da Graça.

Festas elegantes

Em Carcavelos, no palacio da Cartaxeira, realizou-se ontem uma festa elegante em homenagem á sr.ª D. Irene de Chaby Rosa, que retira hoje para Aveiras de Cima.

A festa, que resultou brilhantissima, foi promovida pelas sr.as D. Aurora Soares, D. Maria Trabuco Rosa, D. Joana Marques, D. Albertina Torgal, D. Nely Norton Azinhaes Mendes e D. Irene Martins Gonçalves, tendo assistido a ela, além das promotoras, entre outras, as sr.as D. Olimpia, D. Maria Luiza e D. Silvia Pinto Bastos, D. Alice Marques, D. Branca Levy, D. Beatriz Magalhães Correia, D. Adelaide Saldanha e filha, D. Albertina Pinheiro, D. Beatriz de Almeida, D. Amelia e D. Maria Helena Duarte, D. Maria Emilia Rosa, D. Otelinda de Carvalho, D. Maria Emilia Rodrigues, etc., e os srs. dr. Marques da Mata, capitães Saldanha e Azinhaes Mendes, José Soares, Antonio Torgal, Alberto Baptista, Magalhães Correia, Jaime e Raul de Carvalho, José Felix, Armando Rosa, Norberto Vidal, Liz Ferreira, Joaquim Marques, Antonio Gonçalves, etc.

As 2 horas foi servida uma magnifica ceia volante, tendo-se dançado com verdadeiro «entraia» até de madrugada.

De viagem

Seguiu para a Curia o sr. Faustino Gomes da Costa.

—Para o Gerez seguiu o sr. Antonio Alves.

—Da Povoa de Varzim partiu para Guimarães o sr. João Martins de Freitas.

—Regressou a Guimarães a sr.ª D. Emilia de Sequeira Braga Alão,

—Encontra-se em Matosinhos a sr.ª D. Maria dos Prazeres Cardoso Pereira.

—Regressou do Bom Jesus ao Porto o sr. dr. Antonio Ramos Carneiro.

—Regressou ao Porto o sr. Conde de Bertiandos.

—Seguiu das Caldas das Taipas para Espinho, com sua familia, o sr. Elisio Pereira do Vale.

—Com sua esposa, partiu para as Caldas de Moledo, o sr. dr. Geraldes dos Santos.

—Acompanhado de sua esposa, regressou de Entre-os-Rios ao Porto o sr. Abel Augusto de Carvalho.

—De Espozende seguiu para as Caldas das Taipas, o sr. Filipe de Almeida Gomes,

—Encontra-se na Praia da Granja a sr.ª D. Joana Miranda.

—De Penafiel partiu para Vila do Conde o sr. barão das Lages.

—Partiu para Amarante o sr. A. A. Crispiniano da Costa.

—De Lanhelas seguiu para o Pezo o sr. João Gualberto de Sá Pinto.

—Partiu para Espanha, França e Marrocos, o sr. Tomaz José Olaio, com sua esposa a sr.ª D. Quafera Maggiolly Olaio,

—Para a Quinta da Nigueira, Alemquer, parte hoje, acompanhado de sua familia, o sr. Antonio Francisco Gonçalves, chefe da Contabilidade, da Administração Geral das Estradas e Turismo.

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Elvira Ribeiro da Silva Veiga, partiu para o norte o sr. João Bernardo da Veiga Junior, estimado solicitador encartado na comarca de Lisboa.

—Encontra-se nos Cucos a fazer o seu tratamento anual, o sr. Manuel Antonio Afonso.

ESPIRITA

QUEREIS ser feliz em todas as vosass coisas? Consultai sem demora este verdadeiro fenomeno, que só ele vos póde dar a felicidade completa. Para prova da verdade, o pagamento é no fim do trabalho. Pelo correio, 10 escudos para a consulta. Rua do Sol, ao Rato, 215, 3.º

OS NOSSOS ESCRITORES

Do livro póstumo "O Egypto,,

de Eça de Queiroz

TRANSCREVE-SE

o capitulo "Cemiterios,,

Nada conheço mais lugubre do que a cidade dos mortos, ao pé do Cairo, na base do Mokattam. E' um cemiterio. As novas pedras tumulares, brancas e lisas, assentam ao pé das velhas sepulturas historicas dos Mamelucos, dos Sheiks repeitados na tradição, e dos Principes.

A planicie desce do Mokattam, levemente cavada, como um vale. E' larga, amarela, desolada e seca: é um largo areal. Pedras tumulares, de todas as fórmas e de todas as estructuras, luzidias, polidas pelos ventos cheios de areias, assentam na vasta extensão.

Nem uma arvore, nem uma sombra, nem uma relva, nem um passaro! Dorme ali o silencio. Por vezes, um abutre, um corvo passam no ar. Uma luz crua, farta, vinda do imovel azul, cae abundante e magnifica: a planicie, as pedras tumulares, scintilam numa brancura hostil; esbatendo-se numa arquitectura uniforme, os monumentos confundem-se com o livido chão. Nada mais lugubre!

Os nossos cemiterios, com as suas sombras, as suas relvas, as suas espessuras frescas, são, ao pé da Morte, uma paisagem, uma presença de vida. A natureza está junto das sepulturas, e é quasi dormir estar morto sob as arvores que deram sombra ao nosso cansaço, frutas á nossa fome. Aquela natureza é um traço de união entre os mortos e os vivos; aquelas aleas são ruas tambem; aquelas sombras, aquelas flôres, são para os que vêm, no dia dos mortos ou nas horas melancolicas, chorar ou lembrar-se.

A alegria dos vivos, a natureza em que eles se movem, acompanham os mortos, estremecem, murmuram ainda por cima da sua impassibilidade: a folhagem rumoreja, a chuva cae das arvores, o vento passa, os passaros cantam, o homem dorme a sesta...

Depois, aquelas sombras provocam a imaginação e a lenda. O corpo do morto será abraçado por aquelas raízes? As rosas vermelhas serão a côr dos seus labios? Aqueles ciprestes, que crescem melancolicos e dôces, serão a provisão de suspiros que havia no seu peito? Aqueles troncos nodosos serão os seus olhos?

A natureza, pelos gemidos que provoca e pelos sonhos que desperta, arranca ao morto a ideia fria do irreparavel. As arvores estão ali que lhe estendem os braços, estão ali os passaros que o chamam, e a herva que o abraça com as suas raízes.

Nos cemiterios arabes, o morto é abandonado á esterilidade e ao sol. Escolhem-se os campos aridos, sêcos, duros, hostis. O cemiterio de Alexandria, no começo do deserto livido, é um lugar de chacais e de areias: o campo dos mortos, no Cairo, é um lugar de aves de rapina. São sitios lugubres e terriveis. E será por os arabes pensarem que o morto deixou de sentir? Não. Eles são os descendentes daqueles que junto do tumulo prendiam o camelo favorito do morto, ou a sua egua nomada, e os deixavam morrer de fome, para que ele, no mundo exterior em que ia viver, nos desertos que fôra correr, nos vales onde fôsse acampar, encontrasse a sombra do seu cavalo e a sombra do seu camelo!

Na sua primeira batalha contra os da Mecca, amigos dos idolos, Mahomet, que combatia por Allah, Deus unico, matou muitos chefes inimigos.

Mandou-os enterrar numa cisterna e cobrí-los de cal. Aí ficaram os seus adversarios, os seus perseguidores, aqueles que o tinham apedrejado, que o tinham apupado do alto de Kaaba.

Quando o combate findava, Mahomet, ao caír do dia, como o sol baixava por traz das colinas para as bandas do Mar Vermelho, desceu, seguido dos seus discipulos, a vêr a sepultura da cisterna.

Então, erguendo a voz, com gestos irados, voltando a face livida para os seus inimigos mortos, exclamou:

—Tu, e tu, e tu, acusasteis-me de impostura, e estes acreditarm em mim! Vós expulsasteis-me da Mecca, minha patria, e estes, que são de Medina, acolheram-me! Estes vêm dum país visinho, contra vós que sois da minha patria! Dizei agora se Deus mentiu pela minha boca nos ensinamentos que vos fiz? Dizei se Deus mentiu! Dizei-o vós: tu, e tu, e tu, mortos da Mecca!

Os soldados e os discipulos, em redor, tinham o espanto nos olhos e nos gestos:

—O quê, profeta, explica-nos isto: tu estás a falar aos mortos?

—Sabei-o vós outros para sempre: *os mortos ouvem!*

Os arabes falam aos seus mortos: vão-nos consultar nos casos dificeis; levam-lhes alimentos, derramam-lhes *sherbet* e café sobre as sepulturas.

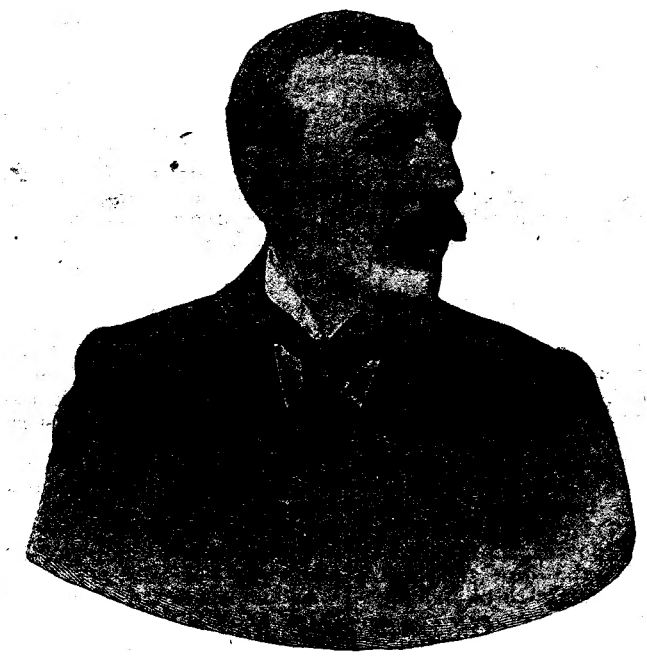
E todavia escolhem para eles um lugar onde o chacal vem desenterrar os ossos, onde as aves de rapina esburacam a terra. Os egypcios fazem o mesmo: as suas sepulturas são lugares aridos, calcareos, desolados.

E' que o vale do Nilo é pouco para os vivos: aquelas culturas estreitas, que acompanham o Nilo, são para os que trabalham, não para os que repousam na morte. O Nilo é dos vivos; os mortos têm o imenso deserto que o silencio habita. Levam-nos a enterrar, deixam-nos rodeados de alimentos entre os agudos gritos do luto... Mas não sob as frescas palmeiras, ou perto da agua, ou sob os altos sicomoros: além, na lividez esteril, na desolação da planicie.

A razão material disto é talvez a de impedir que a agua do Nilo, penetrando nas sepulturas, vá amolecer a terra, deixe passar os miasmas, cause as infecções. A areia é um poderoso embalsamador.

Um cemiterio arabe não é um lugar recolhido, piedoso e casto. Os cães erram por entre as sepulturas; de noite, vêm ali uivar os chacais; os mendigos dormem junto ás campas. Fazem-se fogueiras quando chegam as caravanas que acampam perto; ecôa o grito das aves de rapina, e as prostitutas ao escurecer vão sentar-se sobre os sepulcros.

Apesar de tudo, não inspiram aquele terror nervoso dos cemiterios cristãos: aí, as sombras, o rumor das arvores, a humidade, a lividez das cruzes, as lampadas, os ciprestes, tudo faz uma decoração funeraria e comunica-nos uma vibração nervosa. Os cemiterios arabes, pelo contrario, têm o aspecto de ruínas. Aquelas pedras luzem, no meio do deserto, antigas, desconjuntadas, e dão a impressão de velhas arquitecturas e não a ideia de fim e de morte.



EÇA DE QUEIROZ

E contudo, nada conheço mais lugubre: os montes da Judeia, a melancolia de Suez, o deserto do Jordão, nada iguala aquela tristeza terrivel da cidade dos tumulos.

No entanto, a pouca distancia, é uma estação de repouso para as caravanas de mercadores. Ali, os grupos de *fellâhs*, de mercadores judeus, de arabes do Hedjaz e de Suez, os camelos pitorescamente carregados, no seu repouso sonolento, as tendas de pele de cabra, de lona, de folhas de palmeiras fazem, sob o violento céu, na areia, junto ás vetustas e arruinadas construções do Cairo, um quadro original, destacando-se em perspectivas coloridas sobre o fundo escuro das casas desmanteladas e dos velhos arvoredos descrepitos e tremulos.

Aqui tudo é solidão sob o imenso céu imovel. O céu do Egypto é um deserto: é duma soledade terrivel e lugubre. A luz do Egypto só consola, só pacifica, só é benefica de madrugada, quando uma tinta côr de rosa enevôa o ar, ou ao anoitecer, quando toma uma côr de ouro fulvo, radiosa, gloriosa, sobre a qual as negras palmeiras se destacam, crivadas de raios, como pelas flechas dum exercito divino.

No meio do dia, azul, cavado, estendido a profundidades terriveis, implacavel, o céu do Egypto aterra: compreende-se que os antigos o imaginassem cheio de colera. Este céu não tem nuvens. As nuvens são os viajantes do céu: transmitem-lhe ideia e intenção, fazem perspectivas luminosas, povôam-no, dão-lhe uma imensa paisagem vaporosa donde cada um, segundo a feição do seu espirito, tira preciosas obras: poemas, sonetos, quadros, visões.

O céu colabora na nossa vida intima, vive comnosco, acompanha-nos na mudança do nosso ser; é um confidente, é um consolador; invoca-se, fala-se-lhe. Olhar o céu é, nos nossos climas, uma ocasião de viver: instintivamente, voltamos para ele os nossos olhos. O poeta meridional, cheio de imagens e de côres, contempla-o; o burguez trivial admira-o; pela manhã, abre-se a janela e vai-se ver o céu! E' um intimo, sempre presente na nossa vida; o nosso estado depende dele: enevoado, entristece-nos; claro e lucido, alegra-nos; cheio de nuvens electricas, enerva-nos. E' no céu que vemos Deus... E mesmo despovoado de deuses, é ainda para o homem o lugar donde ele tira força, consolação e esperança.

A paisagem é feita por ele, a arte imita-o, os poetas cantam-no.

No Egypto não ha céu; aquela profundidade lisa, imovel, sempre, eternamente azul, é um deserto, é uma solidão. O céu do Egypto é um idolo: as inquietações, os desejos, os tedios, tudo ele vê passar, impassivel, implacavel e azul. Não dá nada, nada diz ao poeta, ao cultivador, ao viajante, ao mendigo. E' como um céu de pedra. Parece feito de lapis-zuli. Irrita pela fixidez e pela perfeição vazia. E' o mais terrivel dos desertos: é um deserto de abstracção, um deserto sobrenatural.

As nuvens são, pela côr, pela fórma, a mais maravilhosa decoração. As nuvens são, quasi sempre, a representação fantasmagorica e visivel das imagens intuitivas, creadas no nosso cerebro. Gustave Doré compreendeu isto admiravelmente no seu extraordinario *D. Quichote*. Mas este céu do Egypto nada nos oferece: é mudo, é surdo, é implicativo, é pesado como uma tampa a escorrer de luz.

Imagine-se agora uma planicie amarela, de areia, sem uma herva, sem uma sombra; ao fim dessa planicie, um monte erguido como uma muralha, duro, a pique, livido, amarelo tambem.

Nessa planicie, espalham-se tumulos, de formas estranha, em cupulas, em minaretes, em agulhas, cobertos de crescentes, de mitras, de turbantes, em fórma de cubos onde se abrem pequenas janelas cheias de escuridão entre finas colunas trabalhadas, tudo de uma pedra amarela, alizada pelo roçar das areias, lustrosa como o marmore. Por cima, o céu, dum azul irritante, negro, uniforme, hieratico!

Um silencio abstracto, vago, estende-se muito ao longe. Nenhum movimento, nenhuma atitude viva. A's vezes, no alto ar, paira, numa imobilidade de azas, um passaro negro que reluz como granito polido, é um abutre

E tudo afogado numa luz intensa, visivel como um nevoeiro, fazendo as linhas duras, nitidas, dando expressões aos sepulcros e grandes saliencias aos contornos da pedra.

Tudo ali é impenetravel, quieto, mudo, eterno: o ar, o céu, os tumulos. E' duma beleza barbara. E tudo aquilo está morto e imovel com uma grande violencia...

Caminhamos, calados, sob o peso do sol.

O CREME Pó de Arroz Zally
Faz as damas formosas
A' venda nos bons estabelecimentos
Preços: Pó 6$00, Creme 6$00 Envia-se pelo correio
R. DAS PEDRAS NEGRAS, 36, 3.º—Telef. C. 1633

A Cidade

Para curar o seu estomago e intestinos tome todas as manhãs duas colheres d'agua de CARABAÑA
A' venda em todas as farmacias e drogarias

Chá das cinco

Salvemos as raparigas!

De quando em quando, passa ali na rua do Loreto uma banda civil portuguesa—que se dirige ao Diario de Noticias. *Acorre largo pessoal feminino ás janelas, o rapazio segue contente na cauda da filarmonica e o Bairro Alto enche-se todo das notas musicais dum ordinario:*

—La-ra-ra-ra-la-la-la-la...

Muito correctos nas suas fardas doiradas, os filarmonicos que vieram da provincia, depois de cumprido o seu dever de cortezia, espalham-se pela cidade.

Alguns visitam os monumentos. Outros fazem compras no Grandela. Outros ainda são especialmente chamados a indagar da graduação alcoolica dos vinhos que se vendem em Lisboa.

Ha dias, um clarinete todo papo-sêco, um clarinete que está a pedir transferencia para um jazz-band *elegante, topou no seu caminho uma morena de olhos grandes e disse para os seus botões:*

—Salvemos a rapariga!

Clarinete mete conversa, a morena deixa-se embalar ao compasso lento da valsa e á noite vão os dois tomar cerveja numa esplanada do Parque.

O que se passou depois—ninguem sabe. O que se sabe é que o clarinete abandonou a arte, abandonou o Congresso e mandou dizer á familia que se estava dedicando á filantropica obra de salvação das raparigas incautas.

Até agora, sabe-se que já salvou três. A sua predilecção toda é pelas morenas. Quando vê uma morena simpatica, que está mesmo a pedir que a salvem, o clarinete avança em compasso binario e segreda-lhe ao ouvido:

—Onde vais toda lampeira,
Morena de olhos de malva?

E ela responde:

—Como sou mulher solteira,
Ando á vêr se alguem me salva.

Ora a verdade é que com este afan em que anda de salvar as raparigas, o pobre clarinete da Concentração Musical e Recreativa 28 de Maio—acaba definitivamente por se perder...

Norberto Lopes

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
s|Londres	—	94$75
s|Madrid	—	2$98
s|Paris	—	$56,5
s|Suissa	—	3$78,5
s|Bruxelas	—	$54
s|Nova-York	—	19$60
s|Amsterdam	—	7$85
s|Italia	—	$71
s|Brasil	—	3$00
s|Praga	—	$58
s|Suecia	—	5$24
s|Austria	—	2$77
s|Berlim	—	4$67
Libra esterlina	97$00	100$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações 6 1|2 0|0 1923	590$00
» Externas 1.ª serie	600$00
Acções do Banco de Portugal	800$00
» do Banco Lisboa & Açores	443$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia de Fosforos	119$50
» da Companhia dos Tabacos	1.026$00
» da Companhia do Gaz, 1922|23	152$00
» da Companhia do Aboim	—
» da Companhia Colonial do Buzi	—

O CASO DO NACIONAL

O que pensa o governo sobre as bases do concurso do Teatro Almeida Garrett

A questão do Teatro Nacional tomou agora um aspecto imprevisto.

Ha algumas semanas a casa de Garrett tinha o desinteresse do publico, tinha o desinteresse dos artistas, tinha, senão o desinteresse, pelo menos, o esquecimento do Estado. De repente, o Teatro Nacional surge na fraca tabela dos acontecimentos do dia, rodeado de atenções, de influencias, e até de disputas. Bem hajam elas. Quando, em Portugal á volta seja do que fôr, se levanta um movimento de colera ou de simpatia, o triunfo está feito. E' o que sucede agora.

O *Diario de Lisboa* não vai dar hoje a sua opinião sobre o Teatro Nacional—vai encara-lo sob o ponto de vista jornalistico. Por isso estava indicada uma entrevista com o sr. ministro da Instrução.

Embora não o podessemos abordar, a nossa reportagem conseguiu descobrir e fixar o pensamento daquele membro do governo. Não o alteramos, nem lhe damos a minima sombra de parcialidade.

Ha cêrca de dois meses, o Estado concedeu o Teatro Nacional aos artistas-empresarios Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo. Mas concedeu-o a titulo precario, isto é, a concessão podia ser retirada em qualquer altura da exploração, que termina em 30 de Setembro. Já tinham falhado algumas organizações teatrais, mas Alexandre de Azevedo consegue fazer uma temporada brilhante, que as proprias estancias oficiais reconhecem. Como, porém, o problema do Teatro Nacional tinha que ser resolvido *em aberto*, o ministro da Instrução consultou os varios pareceres existentes. O Conselho Teatral tinha aprovado a "regie,,. Havia outro projecto, se não estamos em erro, dos autores, que importava para o Estado um encargo anual de mil e tantos contos, verba quasi igual, a que ele teria de dispender com a "regie,,.

As duas propostas tinham um ponto comum: ou isto ou fecha-se o teatro.

Foi o que se pensou, em primeiro lugar, em virtude do Estado não poder resolver o problema da Casa de Garrett, dando-lhe uma "solução nacional,,. Atendendo, porem, á crise do desemprego dos artistas, o governo resolve abrir concurso.

Para prejudicar a companhia que trabalha agora naquele teatro? Manifestamente que não. Quaes as bases desse concurso? Vamos enunciar as mais importantes. Organização de um bom elenco.

Os artistas que figurarem na lista do empresario concorrente, assinam uma declaração reconhecida pelo notario, em como se comprometem a tomar parte nos futuros espectaculos. Em caso de falta serão forçados ao pagamento de uma multa. O mesmo criterio é aplicado as peças dos autores nacionais, de maneira a evitar a factura de reportorios brilhantes, que nunca se cumprem, como actualmente sucede.

O teatro é cedido sem encargos de renda, o que representa uma economia de 14 contos mensais. Os empresarios, que ganharem o concurso, serão simplesmente onerados dos impostos mensais. O arrendamento tem a validade de um ano.

As propostas serão examinadas por um juri composto de três membros, criaturas que, embora tenham um nome no teatro, estejam arredadas da sua influencia. Indigitam-se o sr. Carlos Amaro, um distinto critico dum jornal da tarde, e um autor. Deve ser intenção do sr. dr. Ricardo Jorge conservar o lugar de comissario do governo junto do teatro Naeional, tão necessario não só pelo seu conselho, mas ainda para influir na orientação artistica daquela casa, principalmente na questão da montagem, escolha e oportunidade dos originais portugueses. Nesse cargo, deve entrar brevemente na efectividade o brilhante jornalista sr. José Sarmento, visto o sr. Santos Tavares ir ocupar, no fim do mês, o posto diplomatico de Stockolmo.

Eis aqui, em traços gerais, o pensamento que anima o sr. ministro da Instrução. Posto ele com clareza e imparcialidade, o *Diario de Lisboa* tem todo o empenho em acolher nas suas colunas a opinião dos dignissimos artistas Alexandre de Azevedo e Robles Monteiro, os unicos que se apresentam a concurso.

Afigura-se-nos facil reunir um bom elenco, no Nacional.

Andam dispersos alguns dos mais notaveis artistas do teatro português, que qualquer deles podia escolher para uma futura companhia. São eles Adelina Abranches, Aura Abranches, Ester Leão, Carlos Santos, Rafael Marques, Clemente Pinto e outros.

Originais portugueses tambem não devem faltar.

A IGREJA de Santo Antonio da Sé vai ser aberta ao culto

Resolveu-se finalmente o velho pleito. A'manhã ás 15 horas a Camara Municipal no palacio do Municipio entregará oficialmente á autoridade eclesiastica as chaves do templo de Santo Antonio da Sé, contiguo á tradicional capelinha onde é tradição ter nascido o santo português.

A abertura do Templo realiza-se na proxima quarta-feira, com grande solenidade.

DOUGLAS
3,48 H. P. Novo modelo
Motos-ligeiras e Medias
Em exposição no Stand do Agente:
A. A. FELIX DA COSTA
111—Av. da Liberdade—113—Lisboa

UMA REPRESENTAÇÃO

O porto do Funchal e a indemnisação pedida ao governo por uma companhia portuguesa

A questão das obras do porto do Funchal promete dar que falar. Algumas dezenas de habitantes daquela cidade, pertencentes a todas as profissões e a todos os credos politicos, entregaram ao sr. ministro do Comercio uma representação, onde expõem largamente o assunto.

Transcrevemos desse documento trechos da parte mais importante, que diz o seguinte:

"Até esta ilha acaba de chegar a noticia de que a Companhia das Obras do Porto do Funchal, pelos seus representantes ou apaniguados em Lisboa, tenta levar até junto do governo da Republica, no caso esperado de ser anulado o contrato concessionario, um pedido de indemnisação. Ignoramos, nesta altura, em que termos o possa ela fazer e fundamentar.

"Seja, porém, como fôr, um pedido desta natureza não se justifica. Trata-se duma companhia portuguesa que obteve uma concessão em termos manifestamente ilegais e escandalosos. Do contrato celebrado só poderiam resultar prejuizos para o Estado e para a Madeira. Anular esse contrato é um acto de moralidade administrativa indispensavel. E' ainda um acto de previdencia, de defeza necessaria duma parcela muito importante do patrimonio nacional. E porque é, o governo vai-o certamente praticar, inspirado pelas normas da legalidade e da justiça, palavras que adquirem neste momento politico e neste caso o seu verdadeiro sentido e rigor moral.

"Sabe-se que a Companhia das Obras do Porto do Funchal se constituiu com um capital social efectivo igual a zero. Como poderá esta Companhia exigir indemnisações de dinheiro, quando o não tinha para o gastar fosse em que fosse?

"Depois disto, onde estão os prejuizos desta Companhia, creada apenas para servir de testa de ferro de outra estrangeira?

"Decerto que não se pode atender, por imoral, o pedido de pessoas ou entidades estranhas ou estrangeiras que intervieram na aventura da concessão como negocio de lotaria. Jogaram, perderam. Nada mais natural em negocios do acaso.

"Todavia, admitamos a hipotese absurda de reconhecer-se direito a uma indemnisação. Claro está que uma tal hipotese só poderia vir a ser reconhecivel por meio de sentença do tribunal. Neste caso, quem deverá indemnisar a Companhia supostamente lesada?

"Logicamente, todos aqueles que directamente intervieram nos actos e contratos ilegalmente praticados.

"O Estado é que nunca pode ser tornado responsavel por prejuizos resultantes para terceiros de actos praticados por maus gestores da sua fortuna publica!

"E' de supôr que baste levantar-se a hipotese duma semelhante imputação de responsabilidades, para que o pedido de indemisação logo se retire, quando apresentado, tal é a cumplicidade, pelo menos aparente, entre os que praticaram por parte da Junta e do Estado, e a Companhia, os actos ilegais que constituem e definem a chamada questão das Obras do Porto do Funchal.,,

O DIARIO DE LISBOA vende-se no Porto, na casa *A. Dias Pereira*, Praça da Liberdade.

Companhia de Seguros LEX
R. de S. Paulo, 78, 2.º
SEGUROS DE VIDA
contra desastres no trabalho
e outros ramos

A Cidade

AGUA DE CASTELO DE VIDE
A melhor agua medicinal
de meza
em garrafões de 5 litros
á venda em toda a parte

EXCESSO DE ZELO...

A prisão do fidalgo D. João de Almeida e o seu julgamento no Tribunal dos Pequenos Delictos

Ontem á noite, vindo de Viana do Castelo, viajava o sr. D. João de Almeida no rapido do Porto, em companhia de um seu filho, um pequenito que ainda não completou dois anos de idade.

Para cá de Coimbra, o revisor do comboio, entrando a fiscalisar os bilhetes dos passageiros, verificou que o pequenito não tinha pago a passagem e exigiu-a em nome do regulamento ferroviario.

— Porque não comprou bilhete para o menino?

— Porque não tinha de comprar. O pequeno ainda não tem três anos de edade.

— Ah... isso é que tem. Está-se mesmo a vêr... Três anos!... Isso tambem eu queria...

— Homem! Quererá você que lhe apresente agora a certidão de edade?!

— Cantigas! Pague o bilhete, e deixe-se de conversa.

Uma vez em Lisboa, pretendeu o funcionario que o sr. D. João d'Almeida o acompanhasse á presença do chefe da estação.

—Não vou. Ele que venha até mim, que é a sua obrigação. Bem basta o incomodo que sofri já e de que ninguem me indemnisa.

—Vai e torna a ir — ameaçou o revisor, ao mesmo tempo que se dispunha a agarrar o passageiro por um braço.

—Homem! Você não me agarre, que não lh'o consinto!

—Vamos lá a ver se vai, ou não vai!— E agarrou mais. Agarrou; mas, acto continuo, apanhou um sôco que lhe deitou um dente fora.

Balburdia; muita gente junta a inquirir do que se passava; grande conflito de encontrões, e o sr. D. João d'Almeida, a breve trecho estava, quasi sem dar por isso, na presença do chefe da estação.

Expunha ele áquele funcionario superior o que se passára e as razões do seu proceder, quando o revisor, teimoso ou arreliado, voltou á sua, atribuindo ao pequenito uma idade que ele não tinha.

—Dou-lhe a minha palavra de honra, sr. chefe—garantiu o fidalgo—que o pequeno ainda não tem três anos de idade. Prová-lo-hei, se fôr preciso, com a respectiva certidão de registo.

—Pois eu aposto 500 mil reis em como este senhor está a mentir com quantos dentes tem na boca — garantiu por seu turno o revisor.

—E eu juro que você não torna a proferir esse insulto com todos os dentes que tem na boca — poz o sr. D. João d'Almeida, justamente ofendido na sua dignidade.

E com outro sôco, deitou-lhe fora outro dente.

Foi assim que o caso se passou; e foi por isto que o velho fidalgo legitimista, marido dessa nobilissima senhora que se chama D. Constança Teles da Gama, foi parar ontem, de mistura com uma caterva de criminosos, aos calabouços do Governo Civil.

D. João d'Almeida foi hoje de tarde julgado no Tribunal dos Pequenos Delitos. Apresentou a certidão de idade do pequenito; provou-se, por ela, que o passageiro sem bilhete não tinha ainda 3 anos, e, consequentemente, foi o réu absolvido.

Do que ninguem o livra, já agora, é do vexame e do incomodo a que o revisor o sujeitou.

A OBRA DO GOVERNO

O ministro da Justiça faz ao "Diario de Lisboa,, interessantes declarações

O sr. ministro da Justiça falou hoje para o *Diario de Lisboa*, disse dos trabalhos realizados e a realizar pela sua pasta e que são, alguns deles, da maior importancia. Alguns destes trabalhos veem sendo discutidos com certa vivacidade na imprensa e fora dela.

Por isso mesmo mais interessantes e oportunas se nos afiguram as afirmações produzidas pelo sr. dr. Manuel Rodrigues, que é um professor dos mais distintos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Assiste-lhe, nessa qualidade, uma muito especial autoridade para versar estes assuntos.

* * *

Sobre a Ordem dos Advogados declara o titular da pasta de Justiça:

—Exista em toda a parte do mundo. Existe na França, na Italia, na Alemanha. E compreende-se porquê.

Só em Portugal a guerreiam.

E foi justificando:

—E' sobre tudo o estagio que combatem aqueles que dizem discordar da criação da Ordem. Como se o estagio não representasse uma satisfação de necessidade e, em muitos casos, uma vantagem. As Universidades não são escolas de preparação pratica. Não se sai da Faculdade de Direito advogado, como da Faculdade de Medicina se não sai medico. A pratica é necessaria em todas as profissões e, principalmente, nestas profissões que implicam direcção e responsabilidade. Um advogado que começa, tem sempre toda a conveniencia em se deixar guiar, nos seus primeiros passos, por um advogado velho, por um advogado experiencia. O ritual da profissão, a liturgia profissional permita-me a expressão, não se aprendem nas aulas. Para isso serve o estagio. Pois então não se compreenda tão facilmente?

Ainda a justificar:

—E depois o estagio serve para que o advogado novo aprenda a lidar com o cliente e com a causa. Ha formulas consagradas para os homens de fôro tratarem os que se lhe dirigem procurando remedio para os seus males, procurando, numa ancia, a justiça que julgam ser-lhes devida. O mesmo direi a respeito das causas e processos. De nada disto podem tratar os lentes. Nada disto podem os professores nas escolas da especialidade ensinar aos seus discipulos.

* * *

O sr. dr. Manuel Rodrigues vai, com vivacidade, rebatendo alguns argumentos que lhe têm sido opostos:

—Mas então o estagio não é a consagração oficial de uma pratica já existente de facto? Onde está o aluno que, mal concluidos os seus exames, tem logo causas para tratar e defender? Não conheço nem um. Tem-se dito tudo no sentido de inutilisar uma obra que é da maior utilidade. Chegou a dizer-se em publico que os professores das nossas Faculdades de Direito eram contra o estagio. Quem são eles? Em Coimbra todos os meus colegas são partidarios do estagio. Da Faculdade de Lisboa são partidarios do estagio tambem todos aqueles mestres com quem tenho falado: Magalhães Colaço, Lobo de Avila Lima, Rocha Saraiva, Barbosa de Magalhães e o proprio sr. dr. Abranches Ferrão. Que os advogados são contrarios ao estagio tambem se tem dito. Quem são eles? Quais os seus nomes? Aqueles com quem tenho falado afirmam-me todos o desejo de bem receberem nos seus escritorios os alunos que para lá forem praticar.

E a concluir esta parte da entrevista:

—O regulamento da Ordem dos Advogados será publicado ainda esta semana. Elaborou-o, quasi completamente, a Associação dos Advogados. Reputo-o um documento muito interessante e da mais alta importancia para a vida dos proficionais do foro. Ainda esta semana será publicada tambem a reforma do processo civil, documento em que estou trabalhando com o maior empenho.

* * *

A entrevista vai prosseguindo:

—De inquilinato?

—Nada de novo. Recebi as reclamações das associações de senhorios e de inquilinos. E' coisa para vêr com vagar e com cuidado. Por enquanto não desejo ocupar-me do caso.

—Quanto á mudança da Boa Hora...

—E' uma ideia posta de parte. Não irá para o Credito Predial. Aguardaremos, e é muito melhor assim, a construção do Palacio de Justiça, que ficará no alto da Avenida. Para isso arranjámos receita propria. O governo conta com os recursos proprios para pagar um emprestimo, que a essa construção se destina.

* * *

Ainda outros assuntos que pela pasta da Justiça correm:

—O decreto sobre personalidade juridica da Igreja não será alterado.

—Falou-se até na sua revogação...

—Não é verdade. O decreto seria revogado se não produzirem os efeitos que da sua publicação esperavamos. Com ele pretendemos satisfazer as aspirações legitimas dos catolicos, fazendo desaparecer as razões de divergencia que entre eles e a Republica existiam. Tenho esperança, a mais fundamentada, de que alcançaremos esse objectivo.

—Os delegados do Ministerio Publico formularam, ha tempos, algumas reclamações...

—São sete ou oito os que reclamaram. A subida, por capilaridade, na magistratura não se compreende, não a compreendo eu, pelo menos. Os concursos para juiz são um principio da mais alta e da mais sã moral. Só se não sujeitam a eles os que, por qualquer circunstancia, os receiam.

Para fechar a entrevista uma afirmação consoladora:

—Os serviços de protecção a menores delinquentes têm merecido toda a minha atenção e carinho. São dos que honram a Republica honrando, ao mesmo tempo, os que neles prestam serviço.

DE LUTO

D. Maria do Amaral Quartin

Em Viana do Castelo, faleceu a sr.ª D. Maria do Amaral Quartin, esposa do sr. Antonio Tomás Quartin. A sua morte foi muito sentida naquela cidade, onde a ilustre senhora era estimadissima.

Pelos teatros

Beatriz Belmar

Beatriz Belmar, Rosa Cerca, Catalina Ximenez, João Calazans, José Cardoso, Antonio Nascimento e Antonio Rodrigues, têm dado varios espectaculos em S. Pedro de Sintra e Colares. A'manhã estreiam em S. Pedro de Sintra a «Casa de Ora-

BEATRIZ BELMAR

tes», e nos dias 26 e 27 representam em Aldegalega o «Meter-se a Redentor», tendo tambem no seu elenco «A Cruz de Guerra», de Cardoso Santos.

Em todas estas peças Beatriz Belmar, que tambem se tem apresentado como bailarina, com o apreciado artista Charles faz os primeiros papeis.

Ao mesmo tempo, a gentil artista interpreta uma das principais figuras do «film» «O diabo em Lisboa», que Rino Lupo está preparando.

Pedro Cabral

Pedro Cabral é um nome antigo no teatro português. Ensaiador inteligente, homem disciplinado a sua acção fez-se sentir sempre com acerto e honestidade em todas as companhias que dirigiu. Pedro Cabral, que já fez 71 anos, é ainda uma vontade alta e trabalhadora que se deve aproveitar e apoiar, eficazmente, numa epoca como esta, em que a prosperidade e o bem estar nem a todos sorriem.

Atraz do reposteiro

A Companhia Armando de Vasconcelos faz a sua apresentação no S. Luiz no proximo dia 15, começando no dia imediato os ensaios da nova opereta «La Calecera», tradução de José Sarmento e Sarmento Duque.

—Para a sua propriedade no Sobral de Monte Agraço partiu o sr. Alfredo Santos, secretario do Teatro S. Luiz.

—Os escritores Felix Bermudes e João Bastos estão trabalhando já na nova peça destinada á Companhia Satanela-Amarante e no arranjo das suas operetas «J. P. C.», «Poço do Bispo», «O João Ratão» e outras, para ficarem em «vaudeville».

—A Companhia Cremilda de Oliveira tem realisadas varias negociações para fazer o inverno em Lisboa.

—Estreou-se ontem no Foz, Berlim, o Inaudi canino—um animal que faz calculos e demonstrações de transmissão de pensamento. Apresenta-o a «pareja» «Romer and Brayner», que vem de trabalhar em França, na Holanda e na Belgica. Está dando os ultimos espectaculos, em «matinées» e «soirées», a coupletista espanhola Julia de Ysla.

—Foi contratado para a Companhia Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo o actor Antonio Melo, figura marcante da moderna geração teatral.

—O Variedades dá o ultimo espectaculo da revista «O Pó de Arroz» no proximo domingo, começando no dia imediato os ensaios da nova revista, destinada á epoca de outono naquele teatro.

—«O Paiz», do Rio de Janeiro, noticiando o embarque da companhia de revistas Antonio Macedo-Oscar Ribeiro, de que é «estrela» a actriz Lina Demoel, dá um reportorio as seguintes peças: «Chic Chic» que será da de estreia; «Ditosa patria», «Az de espadas», «Fruto proibido», «Negocio da China», «Cigarro brejeiro», «Dominó», «Paiz de sol», «Capote e lenço», «Trinta e um».

CARTAZ

TEATROS

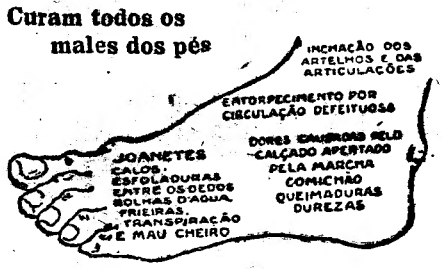
Nacional—A's 9,30—«Se eu quizesse. . .»
Gymnasio—A's 9,30—«A Mosca de Milão».
Eden—A' 9 e ás 11—«Cabaz de Morangos».
Variedades—A's 9 e 10 e 45—«O Pó d'Arroz».

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz—A's 9 e 15—Variedades.
Pavilhão Português—(Parque Mayer)—A's 9—Cinema e variedades.

TEATRO Parque Mayer
TELEF. N. 4167 VARIEDADES
Hoje—Duas sessões, ás 9 e 10 e 3/4
129.ª HOJE—HOJE 130.ª
Pó d'Arroz
O mais colossal sucesso de todos os tempos!
RIR, RIR, RIR
COM
Carlos Leal
E
Costinha
ENORME EXITO de
Hortense Luz
E
Salambô

Saes «DERMOXA»
Curam todos os males dos pés



O melhor contra a transpiração
A venda em todas as Farmacias e Drogarias.
Deposito: MARIO BRANDÃO — Rua Eugenio dos Santos, 99—Lisboa.
N. B.—Exijam os verdadeiros Sais «Dermoxa» e recusem as imitações, que não têm nenhum valor curativo. Laboratoires J. Nante, 62, Avenue Gambetta—Paris.

Deposito Geral
P. dos Restauradores, 24
Garage Antunes
Telefone Norte 3341
Telegramas—AUTOCENTRAL

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
LISBOA
RUA DO OURO. 18. 24
PORTO
PRAÇA DA LIBERDADE. 28. 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

Chapeus para senhora e criança
Feltros, côres e modelos, ultima moda, desde 30$00; transformações em 24 horas, desde 12$00, a maxima perfeição. Aceita-se trabalho em feltro e palha para os estabelecimentos.
Rua Manuel Bernardes, 25 (á rua da Imprensa Nacional)

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.
MOBILIAS
GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS
JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3062

AMADORA
Carolina da Costa Carvalho Gomez Ottolini
FALECEU
Confortada com todos os sacramentos da egreja

Elisa Gomez Ottolini Coelho Campos, seu marido e filhos, Jorge Gomez Ottolini, sua mulher e filhos Pedro Augusto Gomez, Luís da Veiga Ottolini e sua mulher, Condes de Bomfim e mais familia, participam o falecimento de sua chorada mãe, avó, irmã e cunhada, e que o seu funeral terá logar amanhã, 11, pelas 11 horas, saindo o prestito funebre da rua Elias Garcia, n.º 330, na Amadora, para jazigo de familia no Cemiterio dos Prazeres.
Por recomendação da finada, não se fazem convites especiais.

Trata deste funeral a Agencia Marques & Gil, Rua do Limoeiro, Tel. C. 4379.

DR. FRANCISCO MARTINHO MOTTA D'ALMEIDA
(Coronel do E. M.)
MISSA
Sua esposa manda resar ámanhã, 11, pelas 11 horas, na igreja de S. Nicolau uma missa de sufragio pelo trigessimo dia do seu passamento.

O DIARIO DE LISBOA vende-se no Porto, na casa *A. Dias Pereira*, Praça da Liberdade.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
ARMAZENS DE VIVERES

Na Repartição dos Armazens de Viveres desta Companhia Estação do Rocio—1.º andar—recebem-se propostas até ás 12 horas do dia 15 do corrente para fornecimento de 30.000 litros de azeite puro, de oliveira, bem clarificado, de bom paladar e com acidez até 3 graus.
O referido azeite deverá ser posto de conta do fornecedor nos nossos Armazens de Viveres de Lisboa, Entroncamento, Gaia e Torres Vedras ou em qualquer estação desta Companhia, em taras suas. A devolução dessas taras será feita por conta da Companhia para a estação de procedencia.
As propostas poderão ser feitas para o total ou em parte do fornecimento.
O pagamento do azeite fornecido será feito oito dias depois de ser conferido nor Armazens da Companhia.
A Companhia reserva-se o direito de dividir o fornecimento ou anular o concurso caso as propostas recebidas não lhe convenham.
As propostas, acompanhadas das respectivas amostras, devem ser apresentadas em carta fechada, dirigida ao Chefe de Serviço da Contabilidade Central—Estação do Rocio—com a designação «Proposta para fornecimento de azeite».
Lisboa, 4 de setembro de 1926.
O Chefe de Serviço da Contabilidade Central
(a) *M. Barqueira*

Caminho de Ferro do Estado
Direcção do Minho e Douro
Serviço dos Armazens Gerais

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 1 de Outubro de 1926, ás 14 horas, perante a direcção dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, na estação do Porto, se ha de proceder ao concurso publico para o fornecimento de 15.000 quilos de azeite de oliveira clarificado, até cinco graus de acidez.
Para ser admitido como licitante terá cada concorrente de efectuar no cofre da direcção o deposito provisorio de 2.931$25 (Dois mil novecentos oitenta e um escudos e vinte cinco centavos), ou, quando o concorrente resida em Lisboa, na do Sul e Sueste.
Este deposito poderá ser efectuado somente até á vespera do dia designado para o concurso.
O concorrente a quem for adjudicado o fornecimento reforçará o deposito provisorio até perfazer a percentagem de cinco por cento da importancia total da adjudicação; este reforço será feito no cofre da direcção onde houver sido efectuado o deposito provisorio. Os depositos provisorios serão restituidos a todos os concorrentes logo que haja sido feita adjudicação.
As condições da arrematação e o caderno de encargos poderão ser examinados no serviço dos Armazens Gerais na estação do Porto, e em Lisboa na direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em todos os dias uteis, das 11 horas ás 15.
Porto, 28 de Agosto de 1926.
Pelo engenheiro chefe do serviço dos Armazens Gerais
Isildo da Rocha

TEATRO NACIONAL
A's 21 e 1/2 TELEF. N. 3049
ILDA STICHINI—ALEXANDRE D'AZEVEDO
HOJE
Se eu quizesse...
Original de Raul Geraldy e Robert Spitzer, traducção de Mario de Soto Mayor e Carlos Abreu

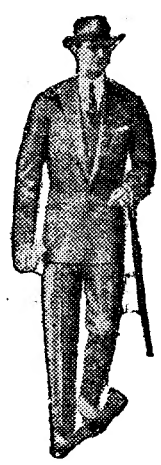
THEATRO DO GYMNASIO Tel. T. 914
HOJE ÁS 9,30
A MOSCA DE MILÃO
Adelina Abranches unica de graça
Cremilda d'Oliveira a galanteria personificada.
Thomaz Vieira um sogro simplorio
Sales Ribeiro e Sacramento admiraveis em dois papeis comicos

EDEN TEATRO
Telefone N. 3800
HOJE em duas sessões HOJE
A inalteravel revista
Cabaz de Morangos
Unica revista que não precisa de novos atractivos para ter
enchentes todas as noites

Salão Alhambra
PARQUE MAYER—Telef. N. 3111
Nova Empreza Proprietaria
Reunião elegante d'alegria e prazer
4 numeros de variedades 4
por notaveis artistas francezas e hespanholas
Quinteto Jazz Band
5 formosas e gentis tanguistas 5
Conforto—Arte—Elegancia
Surprezas Alegria Atracções
todas as noites.

O melhor creme para a pele é o imcomparavel
PRINCEZA ALICE
dando ao rosto a frescura e beleza da mocidade
A' venda na Perfumaria
VIUVA DE JOSÉ DIAS
Lisboa—Rua dos Fanqueiros, 342, 344
encontrando-se igualmente um colossal sortido de perfumarias nacionaes e estrangeiras

Fatos BARATOS
VENDE O
CANDEIAS
ao Intendente



Secção de alfaiate dirigida pelo habil coupeur Alfredo G. Henriques
Fatos reclame de fino cheviote a Es. 290$00.
Fato casimira genero inglês a 300$00, 320$00, 350$00, 380$00 e 400$00.
Bons forros e magnifico acabamento
Aceitam-se fatos a feitio

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Serviço especial para Figueira da Foz por motivo das touradas nos dias 8, 19 e 26 de Setembro de 1926

Por motivo das touradas que se realizam na Figueira da Foz nos dias 8, 19 e 26 do corrente, os bilhdtes do § 3.º da tarifa n.º 3 de grande velocidade, são validos nos referidos dias para todos os comboios, com excepção dos rapidos.
Lisboa, 4 de Setembro de 1926.
Pelo director geral da Companhia
Greenfield de Melo

LEITE CONDENSADO e ASSUCARADO «MOÇA»
tem todas as vantagens do melhor leite fresco, sem ter os seus inconvenientes.

ESTRANGEIRO

CASA UNIVERSAL
O maior sortimento de artigos para viagem, estojos, carteiras, malinhas, cintos e confecções de peles.
Os mais vantajosos preços.
S. MADUREIRA—45, R. do Carmo, 47

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Do Brazil

RIO DE JANEIRO, 10

Como já telegrafámos, a catastrofe do Faial teve a mais dolorosa repercussão nos portugueses aqui residentes. De todos os pontos, onde ha nucleos lusitanos, chegam afirmações de pesar pelas consequencias do terramoto, acompanhadas de claras demonstrações de desejo de todos concorrerem para a minoração do infortunio das vitimas. No seu desgosto, acompanha-os o Brasil inteiro.

A colonia do Rio reuniu no Gabinete Português de Leitura e resolveu constituir uma comissão encarregada de angariar donativos para serem enviados aos sinistrados da Horta. Essa comissão começou logo a funcionar, tendo assentado em diversas iniciativas.

Hoje realizou-se pelas ruas da capital um bando precatorio, cujo exito moral e material foi magnifico. Todos concorreram, portugueses e brasileiros.

Fôram organizadas 35 listas, correspondendo a cada uma delas a soma de 10 contos. Estão integralmente subscritas. O pensamento inicial da colonia foi enviar o mais depressa possivel 1.000 contos para Portugal. Essa quantia segue ja no dia 14, e não foi mais cêdo por motivos alheios á vontade dos que se apressaram a concorrer com o seu obulo para auxiliarem os seus compatriotas, a braços com as consequencias da tragedia dos Açôres.

A comissão central não se tem poupado a esforços. Logo a seguir á primeira remessa de dinheiro, será mandada quantia igual, o que perfará um total de 2.000 contos.

A Cruz Vermelha brasileira enviou á sua congenere portuguesa a importancia de cinco contos, para ajudar a socorrer as vitimas. A resolução daquela benemerita colectividade tem sido muito elogiada por todos. — (A.)

O arcebispo-bispo de Vila Real, que no Pará, como em Pernambuco, foi muito homenageado pela colonia portuguesa, pelas autoridades civis e eclesiasticas e pelas colectividades catolicas, acaba de embarcar em Belem com destino á Baía. Ali, esperam-no novas demonstrações de alto apreço. A viagem do sr. D. João Evangelista tem marcado por um sucesso moral e material completo. Os portugueses têm concorrido largamente para a iniciativa que trouxe S. Ex.ª Reverendissima ao Brasil. — (A.)

Por uma recente reunião do Conselho Municipal do Rio, vai começar imediatamente a construção de três mil casas para operarios. — (A.)

De Inglaterra

LONDRES, 10

A imprensa oficiosa, comentando a marcha das tropas bolchevistas chinesas, que ocupam e dominam já quasi meia China, reclama a atenção das chancelarias europeias para os acontecimentos, para o avançar da anarquia chinesa, que compromete os interesses europeus no Extremo-Oriente. — (H.)

Dos Estados Unidos

NOVA-YORK, 10

O aviador Fonck, que se propõe realizar o «raid» Nova York-Paris, partiu esta manhã para um vôo de ensaio, Nova York-Washington. — (H.)

A PRIMEIRA SESSÃO EM GENEBRA

Benes APELA para o Brasil e para a Espanha a fim de colaborarem com a Sociedade das Nações

(Do nosso enviado especial)

São onze horas da manhã. Vai abrir a 7.ª Assembleia da Sociedade das Nações.

Uma brisa ligeira que não chega a temperar os raios de sol, limpou o céu de algumas nuvens carregadas que apareceram de manhã. Será um bom presagio, um simbolo? Desaparecerão tambem as nuvens negras que ameaçam comprometer a obra de paz empreendida pela S. das N.?

Uma multidão compacta pretende invadir a sala da «Reformation». O contrôle tornou-se muito mais severo, desde a agressão de que foi vitima o Conde de Bethlen.

Os policias, em grande uniforme, bicorne e luvas brancas, guardam as portas e esforçam-se por conter a impaciencia da multidão.

Chegam os delegados, de fraque e chapeu alto. Briand não deixa o seu chapeu de palha, e Paul Boncour aparece em cabelo mostrando a sua forte cabeleira já embranquecida. Chamberlain com um fato cinzento, cujas calças não têm um vinco lá muito bem feito — pouco elegantemente vestido para um diplomata inglês...

Plantas verdes á porta e sempre a mesma cohorte de fotografos e de «tourneurs» de «films». Na complacencia e boa disposição dos Delegados vê-se que a gloria não é uma coisa tão desagradavel como isso... Quasi todos procuram uma expressão sorridente e simpatica...

Lá dentro, grandes efusões de simpatia a misturarem os continentes. Os sul-americanos abraçam-se, á moda portuguesa e espanhola. O Brasil e a Espanha estão ausentes. Faltam as caras tão conheecidas de Melo Franco e Quiñones de Leon. O «fez» em astrakan preta do Principe Arfa da Persia, distingue-se facilmente. O turban e as riquissimas joias do Maharadja de Patiala fôram substituidos pela silhueta europeia e moderna do Maharadja de Kapourtala, um verdadeiro parisiense dos «boulevards». A delegação da Abyssinia, muito aumentada, tem um aspecto de grande seriedade. Eles esperam que a S. das N. possa resolver o conflito com a Inglaterra e a Italia...

Na delegação portuguesa falta o sr. dr. Bettencourt Rodrigues que não chegou ainda...

Lord Cecil, no seu lugar, muito sorridente e aquela fisionomia aberta e leal de que muito se fala nos corredores da Assembleia... O dr. Nanson passeando a sua respeitavel pessoa com um certo ar de superioridade...

Nas galerias do publico e misturado com ele — ironia das situações! — dois dos maiores nomes mundiais: Paderewsky, o maior pianista do mundo, e Rabindranath Tagore, o grande poeta filosofo da India. O antigo presidente da Republica polaca espera que justiça seja feita ao seu País. Tagore, uma veneravel figura de velho, com longas barbas e cabelos embranquecidos, contempla pensativo o espectaculo da Assembleia... De vez em quando fecha os olhos para sonhar talvez, imaginar que a liberdade existe para os indios... Quem pudesse adivinhar o que se passa naquele cerebro e naquela alma onde só ha bondade e amôr?

Não muito longe do poeta indio, Madame Wilson evoca a lembrança daquele que lançou os alicerces da S. das N.. Tentei saber as suas impressões. Gentilmente, respondeu-me não fazer nunca declarações á Imprensa. Mas sempre foi dizendo que vinha a Genebra com a maior das alegrias, por que tinha uma grande fé na paz mundial.

Proferindo estas palavras, o seu olhar era triste. Dir-se-ía que elas não correspondiam á verdade. Intimamente, talvez esteja convencida de que estamos ainda muito longe das aspirações e dos sonhos de seu marido...

A sala apresenta-se ornamentada como nos anos anteriores, apenas mais duas categorias de instrumentos de suplicio: os projecteis de luz violeta para o cinematografo e nos aparelhos da telegrafia sem fios. Estas pequenas caixas, suspensas por fios, têm a propriedade desagradavel de deformar a voz dos oradores e dar-lhes um som nazal, acompanhado duma especie de assobio que lembra o apitar dum vapor...

O calor é horrivel. «Parece uma estufa» dizia um delegado. «Um fôrno crematorio» respondia um ministro.

* * *

A Assembleia neste primeiro dia limitou-se a proceder á eleição do seu Presidente, vice-presidente e presidentes das comissões.

Como manda a praxe, Portugal que teve na ultima Assembleia as honras da presidencia, não poude concorrer a nenhum daqueles lugares.

Lembro algumas frases do sr. Benes, presidente do Conselho:

—Aqui nem tudo é concordia e unidade. A perfeição não é deste mundo. Mas o observador atento e imparcial não póde duvidar que apesar do «fluxo e refluxo» da ideias, apesar do choque de sentimentos e das intrigas, apesar das desilusões duns e da esperança de outros, o «rendez-vous» de Genebra ha-de ser a consciencia do mundo.

Referindo-se ao Brasil e á Espanha, ele apela para os nobres sentimentos e para o proprio orgulho desses dois países, o qual os deve impedir de abandonar a sua parte de responsabilidade na obra comum. E diz ter uma esperança de que nem tudo ainda esteja perdido.

Referir-se-ía o Ministro dos Negocios Estrangeiros da Tcheco Eslovaquia ao boato que está correndo com insistencia de que a Espanha será eleita por unanimidade para membro semi-permanente e que o governo espanhol está disposto nesse caso a transigir?

O sr. Nintchich no seu discurso de agradecimento á Assembleia, nada mais fez do que louvar a obra de Genebra, lançando continuas flechas aos pessimistas e aos scepticos — espiritos negativos, incapazes de construir.

Mas mais do que todas as palavras, mais do que todos os discursos, falam bem alto os relatorios dos diferentes organismos tecnicos. Apesar da sua aridez, estes relatorios constituem, talvez, o melhor testemunho da actividade empregada pela S. das N. e do prestigio que ela vai adquirindo no mundo.

Que se trate de comunicações ou de transito, de questões economicas e financeiras, de cooperação intelectual, de empreendimentos humanitarios como os serviços de higiene, luta contra os estupefacientes ou protecção á infancia, o trabalho deste ano é consideravel. Entrou-se desta vez no campo das realidades.

O contacto entre os governos e as diferentes secções da Sociedade está perfeitamente estabelecido. Ha lá uma fonte de colaboração intelectual que não se acabará nunca.

E é nesta obra de solidariedade imediata e pratica, que a nova associação dos povos irá buscar coragem e força para vencer a grave crise interior de que se viu atacada em Março e cujos efeitos continuam a fazer-se sentir.

Genebra, 6 de Setembro 1926.

IRENE DE VASCONCELOS

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Da Italia

ROMA, 10

O Rei, o presidente do conselho Mussolini e o marechal Badoglio, assitiram, aclamadissimos pela multidão, ás operações do encerramento da primeira fase das manobras do Exercito, na zona de Trasimeno, que concluiram com uma brilhante vitoria do partido nacional, tendo demonstrado a perfeita organização e a eficiencia de todos os serviços. Depois das manobras, o soberano voltou á vila Bennicello Solfagnano, onde conferenciou com Mussolini, que á noitinha regressou a Roma. — (H.)

Por ocasião da publicação do volume «Renascita Tripolitania», do conde Volpi, Mussolini enviou ao seu ministro das Finanças uma afectuosa carta, onde afirma que o renascimento da colonia se deve ao advento do governo fascista e á obra gloriosa do conde Volpi. — (H.)

GENOVA, 10

O Duque d'Abruzzos visitou minuciosamente o novo transatlantico «Roma», manifestando a sua viva satisfação pelo magnifico barco que vem enriquecer a marinha mercante italiana. — (H.)

ROMA, 10

O comissariado da emigração, comunicando que o governo albanês está disposto a fazer largas concessões territoriais, com um fim de desenvolver a sua agricultura, salienta a possibilidade de se favorecer a saída para a Albania da emigração italiana. — (H.)

Da China

SHANGAI, 10

Os grevistas continuam na sua atitude de hostilidade aos estrangeiros. Varios navios ingleses e japoneses fôram atingidos a tiro, tendo morrido, atingido pelas balas, um passageiro chinês que seguia a bordo dum vapor inglês. Ontem ainda, Wuchang, apesar dos ataques persistentes das tropas de Cantão, não se havia rendido, resistindo energicamente.—(H.)

Da Polonia

VARSOVIA, 10

O congresso da Federação Internacional dos ex-combatentes encerrou os seus trabalhos, deliberando fazer participar no proximo congresso que se realizará no Luxemburgo, os delegados das associações dos combatentes ex-inimigos. — (H.)

Da Finlandia

RIGA, 10

O vapor «Neibade» afundou-se durante uma tempestade, 3 quilometros ao norte do Golfo de Riga, tendo morrido 10 homens da tripulação e 30 passageiros. Supõem-se que o vapor tenha chocado com uma mina. — (H.)

A melhor qualidade pelo menor preço
CALÇADO
Portugal

ULTIMAS NOTICIAS

O melhor purgante é a agua de
CARABAÑA
Representante e depositario Portugal e Colonias
Francisco Guerra Fernandez
LISBOA

NO ALTO DOS SETE MOINHOS

Disparou

três tiros

contra duas vizinhas

uma velha de 52 anos

Vicencia da Silva Dias, com 52 anos de idade e 10 prisões por furto, vadiagem e agressão, é o terror das mulheres que vivem numas miseras barracas construidas com madeira e latas velhas, no Monte Prado, aos Sete Moinhos. E' uma mulher alta, forte, desempenada, falando com certo desembaraço.

Esta manhã a Vicencia teve uma questão com as suas visinhas Alice Rosa Mourão e Ricarda da Conceição. Pegou num revolver e disparou três tiros contra as suas rivais, os quais só por milagre as não aiingiram.

Estabeleceu-se borborinho, houve correrias, gritos aflitivos e compareceu a policia que prendeu a Vicencia. O caso foi entregue ao agente Armelim.

Momentos depois da Vicencia dar entrada nos calabouços do governo civil, falamos-lhe.

Perguntamos-lhe se estava arrependida do acto que cometera.

—Qual arrependida! Não sou mulher que se arrependa. Só tenho pena de as não ter atingido! Mas tenho esperança de as matar quando sair daqui.

—Porque quer você matar as suas visinhas?

—O senhor sabe lá o que elas me têm feito arreliar! Atiram-me pedras para cima do telhado e todas as vezes que eu passo por pé delas riem-se de mim.

"Eu tinha jurado que havia de matar essa malvada da Alice, que mandou prender um filho meu.

"O revólver comprei-o a um espanhol. Ainda tenho dinheiro para comprar outro, quando sair da prisão. Sou proprietaria de duas barracas.

E acrescentou:

—Esta sociedade, tal como está constituida, não me agrada. Ainda hei-de trabalhar para uma melhor harmonia da familia portuguesá.

—Tem algum programa?

—Sim, senhor. E andei eu a trabalhar no tempo da Monarquia para a felicidade do povo português, com a Republica...

Reunião de ministros

No gabinete do sr. ministro do Comercio realizou-se hoje uma demorada conferencia entre o tenente-coronel sr. Passos e Sousa e os seus colegas das Finanças e da Marinha e interino do Interior.

Agrava-se

a situação na China

Segundo telegrama hoje recebido, a situação da China, tem-se agravado extraordinariamente, especialmente com ingleses. Presume-se iminente um conflito grave entre a Inglaterra e o Sul da China.

CONTESSA NEITEL aparelhos fotograficos.

GEVAERT chapas, papeis reveladores e peliculas.

São as marcas a preferir para obter boas fotografias.

A' venda nos bons estabelecimentos da especialidade.

Garcez Limitada
Chiado—Lisboa

NEM UMA ONÇA DE "FRANCÊS,,

Não ha

tabaco nacional

o que provoca protestos

de tabaqueiros e de fumadores

Esta noticia que vamos dar aos leitores, todos os leitores a sabem. Não tem, portanto, novidade. E, apesar disso, os senhores verão que vale a pena lêr o que adiante se conta.

Não ha tabaco francês nem ha tabaco Virginia — afirmam-no os donos dos estancos em taboletas de prevenção, e verifica-o toda a gente que o queira verificar.

Porquê? Açambarcamento? Manobra especuladora dos fornecedores ou dos que fazem a revenda?

Os jornais da manhã de hoje anunciam, a proposito, que o tabaco não subirá de preço, porque a isso se oporia o sr. ministro das Finanças, e que se adotarão medidas tendentes a evitar que alguem o açambarque.

Ora... aqui é que bate o ponto; e aqui é que a nossa reportagem começa a interessar.

Percorremos hoje as tabacarias principais da cidade, em busca de elementos justificativos da carencia tabaqueira, e em toda a parte encontrámos os donos das lojas tão furi-os como os fumadores por não haver tabaco Francês nem haver tabaco Virginia, precisamente os preferidos pela grande maioria do publico consumidor.

—Açambarcamento?... — insinuámos.

E a resposta foi sempre igual:

—Açambarcamento o quê? Como é que se ha-de açambarcar uma coisa que não existe?!

—?!...

—Que não existe, sim, senhor. Podemos provar-lh'o com documentos á vista. Ha quasi um mês que temos entregues as nossas encomendas, ha quasi um mês que pagámos os fornecimentos requisitados, e sabem o que nos dizem quando vamos reclamar?

—Dizem que...

—Dizem que esperemos; que estão agora a fornecer o Porto e que vão depois fornecer as provincias! Aqui anda patifaria, mas não sômos nós quem a faz. Nós, os revendedores, sofremos tantos prejuizos, ou mais ainda, do que o publico.

O proprietario da Havaneza a depôr neste particular:

—Olhe: quanto a mim, basta dizer-lhe isto: Costumando fazer 3 a 4 contos de vendas diarias ao balcão, não consigo realizar agora, por falta de tabaco, mais de 500 a 600 escudos. Não me chega para a luz. E quando assim acontece comigo, calcule-se o que será das casas que têm menos movimento...

* * *

—Mas o ministro das Finanças parece estar convencido de...

—O sr. ministro está mas é ludibriado por alguem que tem empenho nisso — garant'ram-nos, indignados, numa tabacaria do Rossio.

E veiu a explicação:

—Os vendedores de Lisboa pagaram adiantadamente, como sempre, as encomendas feitas por eles á Companhia. São cinco a seis mil contos que lá estão... Está a ver o caso: receberam o dinheiro e fôram dizer ao ministro, com as nossas requisições á vista, que o consumo não decrece, sendo, por isso, infundadas as queixas do consumidor. O que não lhe disséram e deviam ter dito, é que nós pagámos mas não recebemos nada; e que, portanto, os mapas do movimento mentem, só podendo haver açambacamento, se é que o ha, por parte da Companhia que nos leva o dinheiro e não nos entrega as encomendas.

Outro, furioso tambem, por não ter meio de satisfazer os pedidos constantes da freguezia, insinuou:

—Olhe, quere que lhe diga? Ninguem me tira da cabeça, a tal ponto isto está sendo escandaloso, que este procedimento oculta um proposito politico traiçoeiro.

—Sim?!

—Assim mesmo. O que se pretende é criar no publico um ambiente propicio para se tornar outra vez ao regime do monopolio. Não se me dava de apostar que é isto apenas o que eles querem.

* * *

... De maneira que, escusam os senhores de se ralar. Até lá para o fim do mês, a respeito de tabaco nacional, nem francês haverá para os lisboetas. A não ser que vão comprá-lo á provincia ou o mandem vir do estrangeiro...

A SITUAÇÃO HESPANHOLA

O motivo

da revolta

dos oficiais artilheiros

e o seu fracasso

MADRID, 9 (Especial).—Está solucionado o conflito militar que tão graves consequencias poderia ter trazido para a tranquilidade e bem estar de Espanha e que durante três dias preocupou a opinião espanhola e estrangeira.

Façamos rapida historia dos antecedentes:

Ao espirito militar da actual situação repugnavam as promoções por escala, tal como na burocracia, impedindo as promoções por distinção, como devem ser as duma carreira heroica, inutilisando o incentivo aos feitos militares e metodisando o que deve estar valorisado por rasgos e audacias.

Partindo do são principio de que o soldado é feito para a guerra baseou-se na guerra a sua promoção, despresando interesses comodos e pacificos de espiritos talhados para carreiras tranquilas, em que o tempo e a antiguidade são escala garantida e serena.

A arma de artilharia, por erro de visão que não pode ser atribuido a comodidade, recebeu mal o decreto que neste sentido modificava as promoções, e o conflito iniciou-se em gestos isolados de indisciplina, que foram em aumento até á noite de sabado ultimo em que aos quarteis de artiharia de Segovia e de mais praças recolheram as respectivas forças, em atitude de franca hostilidade e aguardando o embate das forças governamentais ou a adesão das restantes armas.

Como esta adesão, felizmente, se não desse e o governo decretasse imediatamente o estado de guerra, suspendendo os oficiais artilheiros de funções e soldo e dispensando os soldados de lhes obedecerem, ficou o conflito localizado na arma sublevada.

Note-se que a opinião publica, ao lado do governo, esperava como medida indispensavel a dissolução da arma, tal como aconteceu em 1869 em semelhantes conjunturas. O governo, porém, animado dum admiravel espirito de energica tolerancia, limitou-se á suspensão e encarregou oficiais superiores do Estado Maior da exigencia de capitulação dos quarteis sublevados, retirando os oficiais vencidos a suas casas e despindo as fardas com perda de funções.

El-Rei, que de San Sebastian veiu a Madrid colaborar com o governo, retirou tranquilamente para continuar o seu veraneio, confiado no espirito de fôrça e tolerancia do Directorio Militar, que da conjuntura sae mais forte que nunca.

Realmente a unica resistencia, embora passiva, feita á actual situação—as teorias liberais dos elementos intelectuais—cessou ante a pratica de medidas que vão apenas contra os politicos que demasiado provaram a sua incompetencia em anos sucessivos de esteril administração.

De resto, a ditadura é, para com os seus limitados inimigos, duma benevolencia que raia pelo humorismo ao classificar por pesetas de multa a categoria dos conspiradores.

Porque ninguem negará que a ideia de exigir dinheiro ao sr. conde de Romanones não seja genial; bem como todos acharão comica a categoria de "novilheiro„ a que foi reduzido o sr. Mariano Benlliure y Toro: um conspirador de duas mil e quinhentas pesetas, uma coisa assim como um conspirador de pataco...

Rogerio Perez

NA GRECIA

A volta do ditador?

ATENAS, 10—A Guarda Republicana grega, que havia sido creada pelo general Pangalos, foi dissolvida violentamente pelo governo.—(H.)

LONDRES, 10.—O "Daily News„ diz que está eminente a revolução em Atenas. O general Plastiras marcha sôbre a capital, onde já houve combates nas ruas, fazendo 40 mortos e centenas de feridos.—(Especial.)

Os Estados-Unidos

vão intervir no conflito chinês?

LONDRES, 10—De Washington informam ao "Times„ que o departamento de Estado mantem a maior reserva sobre a atitude dos Estados-Unidos em face do conflito chinês e que os liberais se mostram desfavoraveis á intervenção das grandes potencias.—(Especial).

A catastrofe do Fayal

No proximo domingo, 12 do corrente, pelas 9 horas da manhã, realisa a Sociedade Instrução Musical e Escolar Cruz-Quebradense, juntamente com os alunos da sua escola, um bando precatorio que percorrerá a Cruz Quebrada, o Dafundo e Algés, a favor das victimas da cidade da Horta.

Os donativos que receberem serão entregues a dois jornais da capital.

Tomam parte nesta obra de caridade a banda da Sociedade, a Academia Recreativa de Algés de Cima e outras agremiações e entidades que para este fim foram convidadas.

Novo "record"

da travessia da Mancha

LONDRES, 10.—O nadador francês Michel, partindo do Cabo Grisnez ás 20 e 36, chegou a Saint Margaret ás 7 e 25, batendo assim o "récord„ da travessia da Mancha a nado.—(H.).

O melhor café é o d'«A Brazileira»—LISBOA